

Estudo Teórico

O Mal-Estar do Sujeito Contemporâneo: Os efeitos do Discurso Capitalista

The Discontents of the Contemporary Subject: The effects of Capitalist Discourse

El descontento del sujeto contemporáneo: los efectos del discurso capitalista

Jaqueline Oliveira Amorim¹ 

Rogério de Andrade Barros² 

¹Autor para correspondência. Universidade Estadual de Feira de Santana (Feira de Santana). Bahia, Brasil. jaqueline72820@gmail.com

²Universidade Estadual de Feira de Santana (Feira de Santana). Bahia, Brasil. rabarros1@uefs.br

RESUMO | INTRODUÇÃO: Partindo das perspectivas freudianas, entende-se que as formas de mal-estar estão diretamente ligadas à cultura. Sendo assim, a presente pesquisa toma como objeto de investigação o sujeito contemporâneo, considerando os novos modos de subjetivação decorrentes do discurso capitalista. Se na época freudiana a lei totêmica orientava a constituição dos sujeitos, restringindo sua satisfação pulsional e dando origem ao mal-estar, atualmente, a queda desse ideal promove a ascensão do objeto *a* ao zênite social. **OBJETIVO:** Analisar os efeitos da nova lógica discursiva do mestre contemporâneo na relação do sujeito com o seu mal-estar, elucidando as regulações contemporâneas utilizadas para dar tratamento ao gozo. **MÉTODO:** O estudo baseia-se em uma abordagem qualitativa dos dados, configurando-se como uma pesquisa de revisão bibliográfica. **RESULTADOS:** Compreende-se que o discurso capitalista determina novas formas de relação com a satisfação, conquistando os sujeitos a partir da promessa de tamponamento da falta. **CONCLUSÃO:** a satisfação na contemporaneidade apresenta-se como efêmera, intensificando o sofrimento e dando origem a novos sintomas.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Objeto. Contemporaneidade. Psicanálise.

ABSTRACT | INTRODUCTION: From the Freudian perspective, it is understood that the ways of discontent are directly linked to the culture. Thus, this research takes the contemporary subject as an object of investigation, considering the new modes of subjectivation arising from the capitalist discourse. If in Freudian times the totemic law guided the constitution of subjects, restricting their instinctual satisfaction and giving rise to discomfort, currently, the fall of this ideal promotes the rise of object *a* to the social zenith. **OBJECTIVE:** Analyze the effects of the contemporary master's new discursive logic in the subject's relationship with his discomfort, elucidating the contemporary regulations used to give treatment to delight. **METHOD:** The study is based on a qualitative approach to data, configuring itself as a literature review research. **RESULTS:** It is understood that the capitalist discourse determines new forms of relationship with satisfaction, conquering the subjects based on the promise of buffering anguish. **CONCLUSION:** Satisfaction in contemporary times presents itself as ephemeral, intensifying the suffering and giving rise to new symptoms.

KEYWORDS: Discourse. Object. Contemporaneity. Psychoanalysis.

RESUMEN | INTRODUCCIÓN: A partir de las perspectivas freudianas, se entiende que las formas de malestar están directamente ligadas a la cultura. Así, la presente investigación toma como objeto de investigación el sujeto contemporáneo, considerando los nuevos modos de subjetivación surgidos del discurso capitalista. Si en la época freudiana la ley totémica guiaba la constitución de los sujetos, restringiendo su satisfacción instintiva y dando lugar al malestar, actualmente, la caída de este ideal promueve el ascenso del objeto a a su cenit social. **OBJETIVO:** Analizar los efectos de la nueva lógica discursiva del maestro contemporáneo en la relación del sujeto con su malestar, dilucidando las regulaciones contemporáneas utilizadas para tratar el goce. **MÉTODO:** El estudio se basa en un abordaje cualitativo de los datos, configurándose como una investigación de revisión de la literatura. **RESULTADOS:** Se entiende que el discurso capitalista determina nuevas formas de relación con la satisfacción, conquistando a los sujetos a partir de la promesa de suplir la carencia. **CONCLUSIÓN:** la satisfacción en la actualidad es efímera, intensifica el sufrimiento y da lugar a nuevos síntomas

PALABRAS CLAVE: Discurso. Objeto. Tiempo contemporáneo. Psicoanálisis.

Introdução

Na sociedade atual, a indústria do consumo realiza o incrível feito de abarcar todas as classes sociais, disponibilizando produtos que apresentam variados valores e qualidades, dessa forma, alcançando públicos diversificados. Para isso, bombardeiam a todo momento a população com informações referentes a novos produtos, associando-os a uma ideia de felicidade instantânea, que apenas poderia ser alçada por meio da obtenção desses bens materiais. Partindo dessas perspectivas, a presente pesquisa toma como objeto de investigação o sujeito contemporâneo, considerando os novos modos de subjetivação, decorrentes da mudança do mestre discursivo atual (Briole, 2013). Interessa-nos, especialmente, compreender os efeitos da nova lógica do consumo na relação do sujeito contemporâneo com o seu mal-estar, bem como elucidar as regulações contemporâneas para dar tratamento ao gozo, mediadas pela oferta desenfreada de objetos de consumo (Miller, 2010 & Blanco, 2009).

Para isso, inicialmente será realizado uma revisão da literatura a respeito do mal-estar na civilização, examinando os modos de regulação pulsional advindos da função do pai, seguindo para a conceituação do sujeito para a psicanálise lacaniana, apontando as diferenças na sua constituição contemporânea, para pôr fim conceituar o discurso capitalista em Lacan, analisando os efeitos da ascensão do objeto a ao zênite social na contemporaneidade, articulando esses conceitos às novas formas de sofrimento.

Esse estudo se propõe a colaborar com a atualização da teoria psicanalítica, ao pensar as novas formas de mal-estar contemporâneo, a partir da lógica do mestre capitalista. Segundo estudos desenvolvidos pelo Serviço de Proteção de Crédito, 47,7% dos brasileiros realizam compras com o intuito de se sentirem bem (Confederação Nacional de Dirigentes Logistas [CNDL], 2016). Diante desses dados, torna-se imperativo a existência de estudos que contribuam para a ampliação dos conhecimentos relativos a esse tema, promovendo a disseminação de informações dentro da área da psicologia, partindo de uma fundamentação teórica psicanalítica.

Método

A referida pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa dos dados. Esse método, segundo Minayo (1994), tende a buscar fundamentos interpretativos, concentrando-se nos significados e experiências subjetivas existentes nas relações humanas. Configurando-se como uma pesquisa de revisão bibliográfica, entende-se que, apesar de conceitualmente esse trabalho se apresentar como uma pesquisa teórica, alicerçada pela escola psicanalítica, não há uma clara distinção entre a prática e a teoria, já que a realização da leitura de um texto, necessariamente, prevê a implicação do leitor em sua interpretação (Nogueira, 2004). Sendo assim, foi utilizado o método de leitura proposto pela hermenêutica criativa, que pressupõe uma perspectiva de elaboração de conhecimentos novos sob a luz das percepções do leitor (Campos & Coelho, 2010).

Partindo da concepção de que se trata de uma pesquisa teórica em psicanálise, compreende-se que os estudos nesta área se configuram de modo distinto das demais áreas do conhecimento. Parte-se do pressuposto de que os termos utilizados compõem o campo da linguagem, significantes que inevitavelmente deixam escapar algo da experiência tida como inatingível (Rodrigues, 2005). Sendo assim, compreende-se a impossibilidade de se dar conta de um fenômeno em sua integralidade, uma vez que a linguagem não é capaz de traduzir a realidade com exatidão.

Resultados e discussão

O mal-estar na cultura: retorno a Freud

Ao longo de seus estudos, Freud (1930-1936/2010) associa o mal-estar vivenciado pelos sujeitos de cada época à cultura vigente, que realiza a partilha dos modos de satisfação entre os membros de uma comunidade. Através de seus casos clínicos, ele constata que o mal-estar decorre dos rígidos princípios sociais que direcionavam sua sociedade. Sendo guiados pela autoridade paterna, a repressão pulsional era tida como uma demanda constante, orientando a própria constituição dos sujeitos (Freud, 1926-1929/2014).

Em O mal-estar na civilização, Freud (1930-1936/2010) afirma que o acesso à felicidade seria muito mais simples se retornássemos à época primitiva, período em que as normas sociais ainda não exerciam papel regulador em nossas vidas, fazendo com que os instintos atuassem de modo irrestrito. Tendo em vista que “[...] o preço do progresso cultural é a perda de felicidade, pelo acréscimo do sentimento de culpa” (Freud, 1930-1936/2010, p.68), compreende-se que viver em sociedade exige que os sujeitos restrinjam parte de sua satisfação pulsional.

No que diz respeito a esse processo de restrição pulsional, Freud (1930-1936/2010), aponta a existência de três fontes distintas de sofrimento: o desamparo frente ao poder avassalador dos fenômenos naturais; as vulnerabilidades e fragilidades do próprio corpo; e os sofrimentos que se originam em função das relações existentes entre os humanos. Ao deter-se nessa terceira fonte de sofrimento, ele o indica como especialmente desolador, afirmando que uma parcela

significativa de nossas aflições se origina através da instituição da civilização que se funda a partir das interações sociais com o outro.

Conforme adentramos a cultura, esta simultaneamente nos impõe determinadas privações ligadas a sexualidade e a agressividade humana. Esses impedimentos viabilizam a vida em sociedade. Silva (2012), comentando Freud, indica que “uma vez que o homem carece de orientação natural que regule suas ações, a civilização viria como a construção de regras que agiriam em especial regulando as relações entre os homens” (p.48). Viver em sociedade requer necessariamente que os sujeitos abduquem de parte de sua liberdade individual, assim, entende-se que apesar das restrições pulsionais causarem sofrimento, estas exercem também a função de evitar que sejamos tomados inteiramente como objeto pelo outro.

Em Totem e tabu, Freud (1912-1914/ 2012) faz uso do mito do assassinato do pai da horda primeva, para pensar a origem simbólica dessas restrições culturais ligadas a sexualidade e a agressividade. Nele, a existência de um pai agressivo e possessivo impedia que os demais membros masculinos tivessem acesso às fêmeas, colocando-os em posição de submissão ao expulsá-los da horda quando cresciam. Apenas esse pai tinha a possibilidade de gozar plenamente de seus instintos. No entanto, em determinado momento, esses filhos renegados revoltam-se contra ele, unindo-se para derrotá-lo e destituí-lo da posição de chefe gozador. Após matá-lo, eles o devoram e dão fim às configurações que até então estruturavam a horda. A partir daí, estabelecem que nenhum outro sujeito poderia ocupar o lugar que antes era preenchido pelo pai.

Segundo Freud (1912-1914/2012), ao mesmo tempo em que os irmãos amavam e se identificavam com o pai, este atuava como um impedimento que os impossibilitava de ter acesso ao poder e as satisfações sexuais. No momento em que eles o matam e o devoram, os sentimentos de amor se sobressaem, dando origem à culpa e ao arrependimento. A partir daí, o pai morto ganha ainda mais poder, suas regras permanecem ativas, mesmo que ele se encontre ausente. O totem passa a ser instituído como substituto dessa figura paterna e a partir dele originam-se dois tabus que orientarão a civilização: 1) a proibição do assassinato do totem, já que ele representa o pai; 2) a proibição ligada ao incesto.

A transgressão dessas normas promove a culpabilização daquele que realizou a infração. Ao renunciar ao ímpeto de cometer assassinato e incesto, o sujeito adquire a oportunidade de viver em uma sociedade segura (Freud, 1912-1914/2012). Contudo, a ascensão dessa consciência de culpa compele o sujeito simultaneamente a sacrificar parte de sua própria felicidade, já que ao submeter-se a lei totêmica o sujeito se vê obrigado a abrir mão da possibilidade de gozo irrestrito, o que lhe causa sofrimento.

Frente a possibilidade de castração, o sujeito tende a recuar, deixando de lado seus desejos de possuir a mãe e sua rivalidade para com o pai. É a partir do processo de identificação com o genitor e consequentemente da resolução do complexo de Édipo, que nasce o supereu. Durante a constituição do aparelho psíquico, o supereu é a última instância a desenvolver-se, tendo origem após a dissolução do complexo de Édipo, por esse motivo Freud (1930-1936/2010) aponta-o como "herdeiro do complexo de Édipo" (p.145).

Assim, o supereu passa a atuar como uma instância reguladora, estabelecendo rigorosas normas, as quais o Eu passa a obedecer. Dessa forma, as regras sociais são absorvidas pelo sujeito, fazendo com que, ainda que a figura paterna não esteja presente, o sujeito não deixa de segui-las. Ao operar como representante desses valores morais presentes na sociedade, ele torna-se também responsável pelo controle das punições a que o sujeito se impõe quando não segue os ditames culturais.

Em Psicologia das massas e análise do Eu (1920-1923/2011), Freud retoma as questões ligadas à horda primeva, associando suas configurações às massas humanas. Ao longo de sua teorização, ele aponta que assim como a figura do pai mantinha a estrutura da horda primeva, nas massas o líder exerce função parecida, sendo responsável por estabilizá-las. O referido líder deve apresentar-se como uma figura altamente idealizada pelos membros do grupo, assim, ao compartilharem desse mesmo sentimento, os participantes da massa tendem a vivenciar uma intensa sensação de identificação para com os demais componentes.

Freud (1920-1923/2011) aponta também que "[...] o indivíduo renuncia ao seu ideal do Eu e o troca pelo ideal da massa corporificado no líder" (p.72). A libido direcionada ao objeto (líder), faz com que ele passe a ocupar o lugar do Ideal do Eu, viabilizando que ele opere como regulador das pulsões, dessa forma os sujeitos tendem a limitar suas liberdades individuais, possibilitando que as massas se mantenham consistentes em prol de um ideal em comum.

Ainda em seu texto Psicologia das massas e análise do Eu, Freud (1920-1923/2011) comenta sobre o processo de identificação, apresentando-a como "a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa" (p. 46). Durante esse processo, o menino tende a tomar o pai como modelo, por esse motivo transformando-o em seu ideal. Assim, entende-se que a identificação se configura como um tipo de relação com o objeto em que se quer incorporá-lo, tornar-se como ele. Simultaneamente, a criança tende a estabelecer outro tipo de vínculo com a mãe, por ela ele estabelece um investimento objetal direto, esse tipo de vinculação caracteriza-se pelo sujeito buscar satisfação através do objeto a quem ele investe libido.

A fim de lidar com o mal-estar produzido pelas imposições sociais, o inconsciente fará uso de determinados mecanismos que possibilitam ao sujeito suportar questões de difícil enfrentamento. Dessa forma, entende-se que essa inserção do mal-estar na origem da cultura, encontra-se diretamente ligada à formação dos sintomas e das inibições, que se constituem como diferentes modos encontrados pelo inconsciente para lidar com o sofrimento interno, já que surgem como substitutos das pulsões insatisfeitas.

Os mecanismos psíquicos denominados por Freud como "Inibição, sintomas e angústias" (1926-1929/2014), configuram-se como resultados da castração. Diante da perda do objeto amado, o Eu depara-se com a angústia. Assim, a angústia é tida como um afeto que por meio de símbolos mnêmicos faz emergir experiências traumáticas, ela se faz presente quando o sujeito experimenta eventos que se assemelham ao trauma original. Já os sintomas e as inibições, são tidos como mecanismos que comumente

atuam como respostas frente ao desencadeamento da angústia. Assim, no que diz respeito ao recalque, Freud aponta-o como um modo encontrado pelo sujeito de lidar com a angústia. Este é utilizado pelo Eu para impedir que instintos que partem do Isso tornem-se conscientes e desagradem ao Supereu.

Durante esse processo o prazer converte-se em desprazer, originando mal-estar. Fazendo uso da repressão, o Eu consegue evitar que determinados impulsos tidos como moralmente condenáveis alcancem a consciência do sujeito. No entanto, ao retornarem para o inconsciente, essas pulsões barradas não desaparecem, elas retornam em formato de sintomas, associando-se a representantes psíquicos tidos como mais aceitáveis.

Do mito à estrutura

Retomando as perspectivas freudianas, compreende-se que [Freud](#) (1912-1914/2012) recorre ao mito para pensar a instituição dos processos civilizatórios e consequentemente os fatores que tendem a dar origem ao mal-estar em sua época. O assassinato do pai e a instauração do totem como seu substituto, faz com que ele passe a atuar como lei, promovendo restrições no que diz respeito a sexualidade e a agressividade entre os sujeitos e possibilitando a vida em sociedade. Por meio dessas questões Freud compreende o pai como uma instância reguladora, responsável por inserir o sujeito na cultura, enquanto simultaneamente restringe suas possibilidades de satisfação ([Pereira & Chaves](#), 2013).

Lacan, ao revisar as teorias freudianas, propõe que as questões ligadas ao pai que com Freud eram pensadas através do mito, passem a ser elucidadas por meio da estrutura da linguagem. Para isso ele parte de uma perspectiva estruturalista, baseando-se em conceitos da linguística desenvolvida por Ferdinand Saussure, linguista suíço, nascido em 1857.

Lacan parte do princípio de que nós, seres humanos, mesmo antes do nascimento somos inseridos na ordem simbólica por aqueles que nos cercam de modo que “[...] a linguagem, com sua estrutura, preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental” ([Lacan](#), 1957/1998, p. 498). Assim, compreende-se que o campo da linguagem nos precede, apresentando-se de modo independente do sujeito, através da mediação do Outro.

A criança adentrará no campo da linguagem e se constituirá como sujeito a partir da atuação da metáfora paterna. Segundo Lacan, “a função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno” ([Lacan](#), 1957-1958/1999, p.180). O pai, ao mesmo tempo em que realiza a interdição, viabiliza que o sujeito busque outros objetos que o satisfaçam temporariamente.

Apesar de Lacan nomear esse termo como Nome-do-pai, isso não significa que apenas a figura paterna ou seu nome possa realizar essa função ([Lacan](#), 1957-1958/1999). Por se tratar de uma função simbólica, ela metaforiza-se de modo que qualquer significante que realize a função de nomear o desejo da mãe pode tornar-se um nome-do-pai. Assim, entende-se que nesse momento de seus escritos, Lacan promove a ideia de que o gozo é passível de ser normatizado a partir desse significante metafórico (nome-do-pai).

O sujeito da psicanálise: das noções precursoras em Freud à delimitação conceitual em Lacan

A delimitação do conceito de sujeito na psicanálise é realizada por [Lacan](#) (1964/1988), uma vez que Freud não chega a sistematizar uma definição específica para esse termo. Apesar disso, é notável que, ao longo de seus escritos, [Freud](#) (1895/1996;1916-1917/2014) já extrapolava a concepção de sujeito desenvolvida pela teoria cartesiana. Ao formular a noção de inconsciente, ele busca meios que expliquem a construção subjetiva dos seres de fala, promovendo a ideia de que esta estrutura psíquica inconsciente se sobrepõe e determina as ações e condutas.

[Descartes](#) (1637/2001) parte de uma noção de subjetividade que se refere a humanidade como espécie. Nessa mirada, “não é do homem concreto que Descartes nos fala, mas de uma natureza humana, de uma essência universal” ([Garcia-Roza](#), 2009, p. 14). Com base no ponto de vista racionalista, o sujeito cartesiano identifica-se com a consciência. Essa instância é apontada como o lugar onde habita o conhecimento e a verdade. [Freud](#) (1915/2006) insurge contra essa concepção ao propor que a consciência é um local onde a verdade é mascarada e distorcida.

Ao desenvolver a noção de inconsciente, [Freud](#) (1915/2006) não o retrata como um simples fragmento da consciência, mas como uma instância que vai além dela. Os conteúdos inconscientes são inacessíveis ao Eu, fazendo parte do sujeito e o constituindo como tal. Dessa forma, as teorizações freudianas a respeito do inconsciente possibilitam que o sujeito passe a se caracterizar como um ser dividido entre a consciência e a inconsciência.

Nos momentos iniciais de sua escrita, [Freud](#) (1895/1996) é intensamente influenciado pela neurologia, buscando, através dela, meios para desenvolver noções que posteriormente servirão como base para importantes conceitos elaborados em seus trabalhos psicanalíticos. Em Projeto para uma psicologia científica ([Freud](#), 1895/1996), texto inacabado, desenvolvido durante seu período pré-psicanalítico, já é possível identificar indícios de uma tentativa de articulação entre a linguagem e o sujeito, questões que posteriormente Lacan utiliza como alicerce para desenvolver sua teoria.

Nesse trabalho, Freud busca explicar o modo de atuação do aparelho psíquico, bem como a forma como ele se organiza. Para isso, inicialmente apresenta a existência de dois sistemas de neurônios denominados por ele como *phi* e *psi*, ambos responsáveis pela quantidade, buscando a descarga das excitações que atuam promovendo a movimentação do aparelho psíquico.

Há duas classes de neurônios: 1) os que deixam passar a Q como se não tivessem barreiras de contacto e que, da mesma forma, depois de cada passagem de excitação permanecem no mesmo estado anterior, e 2) aqueles cujas barreiras de contacto se fazem sentir, de modo que só permitem a passagem da Q com dificuldade ou parcialmente. Os dessa última classe podem, depois de cada excitação, ficar num estado diferente do anterior, fornecendo assim uma possibilidade de representar a memória ([Freud](#), 1895/1996, p. 227).

Posteriormente, Freud identifica um terceiro sistema de neurônios chamado de "*ômega*". Esse sistema é encarregado da qualidade, processos psíquicos que a depender das circunstâncias poderiam se tornar conscientes ([Freud](#), 1895/1996).

Essas noções fisiológicas trabalhadas no Projeto para uma psicologia científica, são utilizados como precursores do modelo de aparelho psíquico desenvolvido por Freud em sua obra "A interpretação dos sonhos" ([Freud](#), 1900/1996). Nessa obra, o aparelho passa a ser dividido entre os sistemas pré-consciente/consciente e inconsciente. Aqui, o inconsciente deixa de apresentar caráter descritivo, para se constituir como o principal pilar da teoria psicanalítica.

O inconsciente se manifesta por meio de suas formações, como é o caso dos chistes, sonhos e lapsos de linguagem. Uma vez que o inconsciente passa a ser entendido como uma instância fundamental, essas formas de manifestação do inconsciente apontam para existência de um sujeito que posteriormente [Lacan](#) (1964/1988) denomina como sujeito dividido ou sujeito do inconsciente. Isso implica dizer que, ao se manifestar pela linguagem, o inconsciente revela o sujeito cindido pela castração e as deformações do seu desejo.

As formulações freudianas desenvolvidas a respeito dos processos oníricos, indicam uma articulação entre o ser de fala e a linguagem, posto que as imagens apresentadas ao sujeito durante os sonhos condensam e deslocam pensamentos inconscientes, representando-os na construção onírica. Segundo [Freud](#) (1900/1996), os conteúdos manifestos nos sonhos ocultam seus verdadeiros significados, sendo assim, o material que dá origem a essas manifestações inconscientes não pode ser exibido de modo direto.

O inconsciente proposto por Freud ([Freud](#), 1900/1996) fará uso de mecanismos como o deslocamento e a condensação para que possa manifestar os desejos inconscientes de modo mais aceitável, impedindo que o sujeito tenha acesso direto

a questões que podem lhe causar angústia e sofrimento. Essas ferramentas operam na constituição psíquica do ser de fala, estando presentes em todas as formas de manifestação do inconsciente como mecanismos utilizados pelo recalque para evitar que esses conteúdos tidos como moralmente inadequados alcancem a consciência.

A condensação ocorre quando um único aspecto do sonho se sintetiza para simbolizar dois ou mais objetos (Freud, 1900/1996). Por exemplo, o sujeito ao sonhar com determinada pessoa, pode reproduzir nela características que apontam para três sujeitos diferentes. Por sua vez, o deslocamento configura-se como um mecanismo onde a representação de determinado elemento é transferido para outro objeto distinto (Ibid.). Em geral, um conteúdo que parece irrelevante simboliza outra temática muito mais significativa para o sonhador, havendo entre o conteúdo manifesto nas imagens oníricas e o pensamento inconsciente nelas condensados um trabalho realizado pelo recalque. Por exemplo, o sujeito pode sonhar com um parente distante, o qual não vê há anos, e essa figura representar um irmão muito querido, ou a si mesmo. Deslocamento e condensação são apresentados como substituições simbólicas que nos permitem apontar os efeitos do recalque nas formações inconscientes. Trata-se, enfim, do universo das representações.

Ainda no Projeto (Freud, 1895/1996), Freud afirma que determinados estímulos que têm origem no interior do organismo precisam ser descarregados através de mudanças no mundo exterior. Inicialmente, a criança não pode realizar essa descarga sozinha, necessitando da ajuda de terceiros para a realização de uma ação específica que reduza a sensação de mal-estar, outro modo de dizer sobre o aumento da excitação no aparelho psíquico. O recurso da ação específica desenvolvida por outra pessoa frente a impotência maturacional do bebê humano, utilizado como via de descarga, torna-se uma “função secundária da comunicação”(1895/1996). Em resumo, essa primeira experiência de satisfação só é possível graças à figura do Outro.

Como consequência desse processo, ocorre o que Freud (1895/1996) denomina como “facilitação entre duas imagens mnêmicas” (p.25). Com o regresso de circunstâncias que exijam novamente a descarga energética, se produz uma espécie de alucinação daquela primeira experiência, numa tentativa de se retomar a satisfação original.

Esse processo ocorre, pois, a primeira experiência de satisfação deixa “marcas” na estrutura psíquica do sujeito. Já podemos antever com Freud que a ação específica realizada pelo Outro é uma transformação no mundo para reduzir o excesso de excitação no corpo, anunciando o mundo das representações, significações que passam pela linguagem para poder cernir, no mundo, um objeto que garanta a satisfação. Linguagem, representação e satisfação tornam-se articuladas.

Delimitando o conceito de sujeito: Lacan e a linguística

Lacan (1955-56/1985), ao realizar uma releitura da teoria freudiana, sob a ótica de premissas desenvolvidas por Ferdinand de Saussure, pôde a partir deles construir a noção de que “o inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (p.139). Estando diretamente atrelado ao campo social, o inconsciente é constituído por uma cadeia de significantes que antecedem e determinam os significados.

Ainda na primeira etapa de seus trabalhos, Lacan (1964/1988) retoma essas perspectivas freudianas, alegando que “se o sujeito é o que lhes ensino, a saber, o sujeito determinado pela linguagem e pela fala, isto quer dizer que o sujeito, *in initio*, começa no lugar do Outro, no que é lá que surge o primeiro significante” (p.187). Partindo desse entendimento, compreende-se que a constituição do sujeito ocorre a partir dos significantes atribuídos a ele através do Outro.

Lacan (1964/1988) afirma que antes de se apresentar através dos significantes, a criança “não era nada senão sujeito por vir” (p. 187). Isso quer dizer que a criança, ao nascer, é tida como um lugar vazio e será

a partir do estabelecimento de uma relação com o Outro que ocorrerá o seu advento a partir das cadeias significantes existentes no campo da linguagem que o farão existir como sujeito.

Ao ser marcado por esses significantes que partem do Outro, a criança se insere na linguagem. Os significantes encadeados, assim, poderão nos dar pistas do sujeito dividido em seu desejo inconsciente incestuoso e sua representação. Lacan, ao afirmar que o sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante, determina que o sujeito se localiza como um vazio que se materializa através dos significantes que lhe são atribuídos pelo Outro.

[Miller](#) (2011), comentando Lacan, aponta que o ser é desprovido de substância, ou seja, que o sujeito é uma hiância, sendo apenas apresentado pela articulação entre significantes. A sua constituição se dará através de duas operações de linguagem: a alienação e a separação.

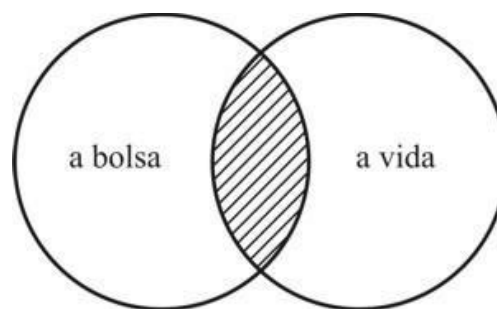
Alienação e separação: operações de linguagem que constituem o sujeito

No Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, [Lacan](#) (1964/1988) aponta a alienação como a primeira operação fundamental para a constituição da subjetividade. Esse processo ocorre quando a criança que se encontra no campo do ser como um conjunto vazio, ainda sem acesso ao âmbito da linguagem, adentra o campo do Outro, tido como campo do sentido e “lugar em que se situa a cadeia do significante” ([Lacan](#), 1964/1988). Essa operação determina a necessidade de uma divisão para que seja possível o surgimento do sujeito.

A origem do sujeito ocorre a nível inconsciente, uma vez que ele se encontra submetido ao que Lacan denomina como alienação ao discurso do Outro. A princípio, a criança é apenas aquilo que o Outro diz a respeito dela. Dito de outro modo, ele inicialmente não é capaz de realizar a separação entre os significantes que o representam para o Outro, estando alienada ao seu desejo.

Durante o processo de alienação, a criança percebe-se frente a uma escolha compulsória, em que deve escolher entre o ser e o sentido, estando obrigatoriamente diante de uma perda. Para explicar esse processo, Lacan faz uso da metáfora da bolsa:

Figura 1. A bolsa ou a vida



Fonte: Lacan, 1964/1998, p. 201.

Caso opte pela vida, o sujeito sobrevive, no entanto, ele inevitavelmente sofrerá com a perda de algo importante. Caso escolha a bolsa, ele morre, perdendo ambas as coisas. Assim, duas opções são apresentadas: 1) se inserir na linguagem por meio dos significantes atribuídos pelo Outro, obrigatoriamente abdicando de parte de seu ser e tornando-se alienado a esse desejo que parte do Outro e 2) priorizar o ser ao renunciar a possibilidade de se inserir na linguagem e, conseqüentemente, tornar-se um sujeito. Podemos dizer, como mesmo faz [Fink](#) (1998) que a “alienação é essencialmente caracterizada por uma escolha “forçada” que descarta o ser para o sujeito, instituindo em seu lugar a ordem simbólica e relegando o sujeito à mera existência como um marcador de lugar dentro dessa ordem” (p. 75).

Por outro lado, a separação dá origem ao ser, “eminentemente evanescente e evasivo” ([Fink](#), 1998, p.75-76). [Lacan](#) (1964/1988) compreende que a separação atua como um complemento à alienação. Esse fenômeno ocorre quando a criança identifica no Outro uma incompletude, uma falta. Sobre isso, [Fink](#) (1988) afirma que a criança precisa ver a mãe, primeiro Outro, como um sujeito desejante que, assim como ele, abriu mão de parte de sua essência para adentrar na linguagem.

A separação surge na intersecção entre essas duas faltas: a falta com a qual o sujeito se depara no Outro e sua própria falta. Ou seja, “o desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro” ([Lacan](#), 1964/1988, p. 203). Partindo dessa perspectiva, compreende-se que a criança, ao notar a existência dessa falta no grande Outro, atuará na tentativa de tornar-se o objeto que trará a completude desse sujeito, ou seja, ela deixa de ser um “nada”, para ocupar um lugar na falta do Outro.

Ao notar essa incompletude no Outro, ele tende a perceber também a falta existente em si, possibilitando que o sujeito reconheça sua própria incompletude, se constituindo como um ser desejante.

Durante a operação de separação, a falta se faz presente devido à queda do objeto *a*, causa do desejo. Esse é o produto da operação simbólica da constituição do sujeito cindido pelo inconsciente estruturado como uma linguagem: a sua perda é revelada pelo objeto *a*. [Miller](#) (2013) aponta que “o objeto *a* na verdade é, para Lacan, uma função lógica, uma consistência lógica que consegue se encarnar naquilo que cai do corpo sob a forma de diversos dejetos” (p.5). Tido como o resto, o objeto *a* é o dejetivo remanescente da separação entre o Outro e o sujeito.

[Lacan](#) (1964/1988) aponta que “o objeto *a* é algo de que o sujeito, para se constituir, se separou como órgão. Isso vale como símbolo da falta, quer dizer, do falo, não como tal, mas como fazendo falta” (p.101). Tendo em vista que inicialmente o sujeito era tido como completo, não dividido, no momento em que se percebe como portador de uma falta, ele tende a buscar nos objetos o tamponamento de sua incompletude, tornando-se um sujeito desejante, através das operações constituintes que inserem o objeto como produto que causa o desejo. No momento em que adentra a linguagem e passa a se dar conta de sua própria falta, o sujeito apresenta inevitavelmente uma perda do gozo que buscará restabelecer a partir do objeto *a*, que se configura como um condensador de gozo.

Por não apresentar uma essência que o materialize, o objeto apresenta-se como “um vazio ou oco” ([Miller](#), 1998, p.27). Sendo assim, os objetos que incorporam esse lugar são tidos como semblantes. Lacan, em sua releitura de Freud, pontua que cada ser de fala realizará uma eleição específica de seus objetos. Assim, a escolha de algo que tampone a falta primordial não ocorre de modo aleatório.

O objeto é escolhido pois algo nele é tido como causador de desejo, ou seja, algo nele corresponde a fantasia do sujeito. [Freud](#) (1915/2006) já trazia essas concepções ao afirmar que os neuróticos mantêm a relação com o mundo pela via da

fantasia, onde substituem os objetos reais por objetos imaginários existentes em suas lembranças. Nesse sentido, entende-se que o objeto não pode ser substituído arbitrariamente, o que pode mudar é a relação que o sujeito estabelece com ele. Sobre isso, [Fink](#) (1998) afirma que:

[...] algumas coisas não são intercambiáveis pela simples razão de que ela não podem ser “significatizadas”. Elas não podem ser encontradas em qualquer lugar, uma vez que tem o estatuto de Coisa, exigindo que o sujeito volte a elas repetidas vezes ([Fink](#), 1998, p.118).

Nesse primeiro momento, Lacan traz o objeto *a* como produto da estrutura simbólica, configurando-se como resto das operações de alienação e separação. Posteriormente, Lacan modifica sua perspectiva, afirmando que a ascensão de um novo mestre discursivo, o discurso capitalista, altera a relação dos sujeitos com o real. Assim, o objeto *a* deixa de ser apresentado como produto da construção do sujeito para coordená-lo.

Discurso capitalista: o novo mestre contemporâneo

A linguagem é apontada por [Lacan](#) (1969-1970/1992) como o fenômeno responsável pelo estabelecimento dos laços sociais humanos. Como já foi visto, a constituição do sujeito só é possível quando um Outro realiza o endereçamento de um significante para outro significante, dessa forma inserindo o bebê na ordem simbólica, sendo esta preexistente ao sujeito. Contudo, a linguagem inevitavelmente apresentará furos, que a impedirão de transmitir tudo, dessa forma, o próprio sujeito revela-se também como um ser faltoso, uma vez que a entrada na civilização demanda restrições pulsionais.

Tomando como base a obra freudiana “O Mal-estar na civilização” (1930-1936/2010), texto em que [Freud](#) afirma que uma parcela significativa do sofrimento humano é causada devido às relações existentes entre os seres humanos, [Lacan](#) (1969-1970/1992) discutirá também as formas de sofrimento ocasionadas pela demanda de restrição da satisfação, por meio de seus quatro discursos.

[Lacan](#) parte da importância dada à linguagem em seus escritos, para desenvolver a estrutura dos discursos, tese elaborada por ele em “O avesso da psicanálise” (1969-1970/1992). Nesse texto, ele toma como base a premissa freudiana relativa à existência de três profissões tidas como impossíveis: analisar, educar e governar (1937/1996), para a partir delas articular a existência dos discursos do mestre, do universitário e do analista, adicionando ainda um quarto tipo de discurso: o da histórica.

Ao conceituar os discursos, [Lacan](#) (1972) aponta sua relação com o estabelecimento dos laços sociais, afirmando que “é o que, na ordem... no ordenamento do que pode ser produzido pela existência da linguagem, faz função de laço social” (p.20). É a partir da vinculação entre o sujeito e o Outro, com a linguagem, que nascem os laços sociais. Os discursos são apresentados, então, como semblantes que realizam a organização do gozo. [Alvarez](#) (2008), comentando Lacan, afirma que os quatro discursos buscam apresentar o vazio causado pela impossibilidade da linguagem de dar conta inteiramente do real.

Na atualidade, um quinto tipo de discurso opera, organizando as relações humanas. Segundo [Lacan](#) (1972), ele surge como um substituto do discurso do mestre, sendo nomeado como discurso capitalista. Em seus escritos, Lacan apresenta dois modos distintos para pensar esse discurso, “o primeiro (1968) se baseia sobre o todo saber, o segundo (1970) se baseia no rechaço da castração” ([Alvarez](#), 2008, p.11). Na tentativa de debater a respeito das novas formas de mal-estar contemporâneo, baseando-se na premissa da queda do Nome-do-Pai, nos detemos no segundo modo.

Na conferência de Milão, realizada em 12 de maio de 1972, Lacan apresenta o discurso capitalista. Esse novo discurso, difere dos demais por não realizar laços sociais com o Outro. Esse discurso mutante, ocorre por uma inversão entre o S1 e o $\$$, o sujeito no lugar do agente, com a seta dirigida do objeto a para o sujeito ([Rahme](#), 2010). Isso indica que no discurso do capitalista o laço do sujeito se estabelece com o objeto de consumo. Não há seta que siga do agente $\$$ ao outro S2. ([Castro](#), 2002, p. 208)

Enquanto o discurso do mestre promove o laço social entre o escravo e o mestre, no discurso capitalista essa vinculação já não existe. Nele, deixamos de estabelecer laços sociais com o Outro, e passamos a realizar

essa vinculação com objetos que prometem viabilizar a satisfação, mesmo que temporária. Segundo essa perspectiva, o gozo estaria disponível para todos, não perpassando por nenhum tipo de interdição. Sem pai e sem amor, o discurso do capitalista imprime um novo modo de satisfação, uma nova relação com o gozo cada vez mais desenlaçado do Outro.

[Quinet](#) (1999) salienta que dentro do discurso capitalista a sociedade deixa de existir, transformando-se em mercado, que é tido como desprovido de leis, uma vez que promove a forclusão da castração. Como consequência das configurações segregadoras do discurso do capitalista, a sociedade humana tende a tornar-se cada vez mais individualista. Por esse motivo, compreende-se que o capitalismo realiza a forclusão do amor, uma vez que o gozo na atualidade não perpassa pelo Outro, por esse motivo é tido como um gozo assexuado, ou como diria [Freud](#) “autoerótico” (1914-1916/2010). Assim, homens e mulheres passam a ser determinados por esse isolamento. Partindo da perspectiva de que o amor na psicanálise é tido como um mecanismo que viabiliza a produção do saber através da verdade, diante de sua forclusão, na contemporaneidade tendemos a vivenciar uma espécie de crise no real.

A queda do Nome-do-pai e a ascensão do objeto a ao zênite social

Partindo da premissa lacaniana de que “o inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” ([Lacan](#), 1955-56/1985, p.139), [Miller](#) (2005), indica que se a linguagem é tida como um fenômeno social, qualquer mudança relativa às estruturas dos discursos sociais é capaz de promover alterações no próprio inconsciente. Logo, a ascensão do discurso capitalista, como um quinto discurso, provocará mudanças significativas no modo de organização dos sujeitos contemporâneos, influenciando no surgimento de novas formas de mal-estar.

Com relação a essa mudança nos paradigmas sociais, [Miller](#) (2005) aponta que o advento da ciência na modernidade tende a promover a desautorização da figura paterna. Dito de outra forma, o inconsciente já não se organiza tão intensamente sob os fundamentos do pai como na época de Freud. Antes, essa figura operava como lei, sendo responsável pela interdição do gozo, assim, o pai morto era tido como um símbolo que estruturava e viabilizava a vida em sociedade.

Inicialmente, em seus escritos Lacan partia da perspectiva de que o sujeito, ao direcionar significantes ao Outro (analista), poderia dar tratamento ao gozo, uma vez que o processo de simbolização extingui algo do real. Dessa forma, o sujeito poderia lidar com o mal-estar a partir da estruturação simbólica organizada pelo Nome-do-Pai já que, como seres inseridos na linguagem, nossa relação direta com o real se perde, passando a ser mediada por representações.

Esse processo só é possível por conta da existência de um Outro que nos insere nesse mundo de significantes. Assim, o Nome-do-Pai, nesse momento, reflete a existência de um Outro que possibilita a normatização do gozo. Com a ascensão do novo mestre, o discurso do capitalista e seus percalços nos laços com o Outro, devido à “foraclusão” das coisas do amor, temos como consequência a queda do Nome-do-Pai (Rosa, 2010). Essa importante mudança impacta profundamente diversos âmbitos sociais, alterando inclusive as formas de manifestação do mal-estar.

Se antes a sociedade era regida pelos ideais que regulavam a satisfação, coordenados pelo Édipo e pela norma paterna, frente ao empuxo ao mais de gozar, vivemos a era dos impasses frente ao gozo. Trata-se, hoje, do excesso, e não mais da privação que, na contemporaneidade, passa a ser substituída pelo discurso capitalista, onde impera a lógica do mais gozar. Miller (2004), aponta que no período em que a sociedade era regida pelo discurso do mestre, a não existência da relação sexual era uma noção não manifesta. No entanto, na atualidade, essa concepção deixa de estar recalcada, fazendo com que não haja nenhum tipo de regulação do gozo.

A queda do Nome-do-Pai provocou uma vacilação na identificação dos sujeitos, visto haver um limite na filiação ao pai, na identificação vertical. As formas tradicionais de regulação não são mais eficazes e o sujeito não sabe mais como se orientar no campo do gozo, que tratamento dar a ele, frente à variedade dos modos de gozo que a atualidade promove (Albuquerque, 2006, p. 63).

Diante dessa queda das velhas tradições, a construção dos sujeitos contemporâneos passa a se fabricar a partir de novas e múltiplas referências. Na contemporaneidade, a supressão das instâncias reguladoras

promove uma “crise no real” (Miller, 2005, p.12), ocasionada pelo declínio do simbólico. Esse fenômeno tende a aproximar o valor dos semblantes do real, tornando-o impossível de ser localizado.

As novas formas de constituição do sujeito contemporâneo

A ascensão do discurso capitalista altera a própria forma de constituição do sujeito, fazendo com que o objeto *a* atue e direcione o ser de fala. Se antes os significantes mestres transmitidos para o sujeito pelo Outro permitiam que ele - que até então era tido como um vazio, desprovido de substância - pudesse se representar, na contemporaneidade essa forma de representação remodela-se, uma vez que o discurso capitalista faz com que o sujeito se volte para a lógica do gozo e deixe de lado a perspectiva apresentada por Lacan de que o desejo constitui o ser do sujeito, pautado na falta e na castração simbólica (Miller, 2011).

Nessa perspectiva, Miller (2005) afirma que se antes o objeto *a* era tido como causa do desejo, na contemporaneidade o discurso do capitalismo subverte essa premissa, difundindo o objeto pela via do mais gozar, possibilitando que ele se multiplique e se prolifere persistentemente. Essa nova forma de subjetivação ocorre em função do declínio do Nome-do-Pai, que antes era tido como regulador pulsional. Diante de sua queda, o objeto *a* acende ao zênite social, passando a atuar como bússola para o sujeito contemporâneo (Lima, 2016). Como consequência, os objetos passam a ser enaltecidos ao promover um novo modo de relação com a satisfação.

Esse vazio, tido pelo sujeito como primitivo e fundamental, passa a ser ocupado por múltiplos objetos que passam a promover a ideia de tamponamento da falta. Assim, entende-se que, atualmente, temos o rompimento do circuito pulsional originalmente proposto por Freud (1914-1916/2010), em que se previa a busca dos objetos no mundo exterior.

Na época freudiana, a satisfação era mediada pelo Édipo, assim, a figura do pai fazia com que o sujeito restringisse suas pulsões pela lei paterna (1930-1936/2010). Na atualidade, com a mudança do mestre discursivo, isso se modifica. Ou seja, se em Freud podemos pensar a sociedade através do mal-estar,

com Lacan os sujeitos passam a ser pensados por meio do empuxo ao gozo, uma vez que estamos na era dos impasses (Miller, 2005).

A inexistência de algo que oriente os sujeitos, tende a torná-los inseguros, promovendo dificuldades no desenvolvimento de simbolizações. Assim, os sujeitos já não se alicerçam em nada, tornam-se cada vez mais desamparados. Como resultado, conforme o mal-estar se atualiza, novas formas de sofrimentos originam-se. Se antes o semblante paterno organizava as relações humanas, atualmente a queda desse ideal promove o enaltecimento dos objetos e favorece a compulsão ao gozo (Machado, 2005).

O super-eu, que antes era responsável pela interdição do gozo, passa a operar no sentido contrário, atuando em sua imposição (Lacan, 1972/2008). Nesse sentido, o consumo desenfreado de objetos adentra a contemporaneidade como forma de tamponar um vazio. Lacan (1969-1970/1992) aponta que a inserção do sujeito na linguagem, inscreve nele uma falta, ocasionada pela incapacidade apresentada pela fala de transmitir inteiramente o real. Essa sensação de incompletude tende a gerar uma angústia que o discurso capitalista promete suprimir através da aquisição de objetos produzidos pela junção entre a ciência e o capitalismo.

Lacan nomeia esses instrumentos produzidos pelo discurso capitalista como "*gadgets*", passando a pensá-los como "[...] um sintoma do delírio funcional contemporâneo que toma o objeto como fonte de satisfação" (Antelo, 2016, p.2). A aquisição desses múltiplos objetos tende a vir atrelados a ideia de satisfação e felicidade como produtos oriundos do tamponamento da castração. Essa sensação de completude e bem-estar encontrada após a obtenção desses bens é passageira, por esse motivo, inicia-se um curso de repetições, onde os sujeitos buscam insaciavelmente ter acesso novamente ao gozo perdido (Badin & Martino, 2018).

Quinet (1999) aponta que a própria relação que os sujeitos estabelecem entre si parte dessa mesma lógica. Tendo em vista que o discurso capitalista não promove relações sociais baseadas em laços, mas incita que o sujeito tome o outro como um *gadget*, um produto a ser consumido e descartado. Como resultado dessa perspectiva vivencia-se uma espécie de lógica masturbatória autoerótica em que o gozo dos sujeitos se volta inteiramente para eles mesmos.

Essa concepção ilusória de completude já não se volta ao estabelecimento de um vínculo entre o Sujeito e o Outro como um par, mas sim como um objeto que se encontra disponível para seu uso. Frente a impossibilidade encontrada pelo sujeito contemporâneo de realizar alteridade com o Outro, ele tende a voltar-se para o gozo autoerótico, solitário, com seu próprio corpo, alteridade curto-circuitada (Quinet, 1999).

A ciência no discurso capitalista é a produtora dos objetos de consumo, que operam como causa de desejo. O saber científico nesse discurso é capitalizado para fabricar os objetos que possam representar os objetos pulsionais (Quinet, 1999, p.35).

Diante dessas circunstâncias, os sujeitos demandam sempre mais objetos vivenciando um ciclo em que a busca por mais-valia se torna constante. Durante esse processo, os sujeitos tendem a explorar o outro na tentativa de adquirir algum tipo de lucro ou benefício sobre ele. As vantagens conquistadas nesse processo serão utilizadas para que o sujeito consuma ainda mais *gadgets*, sendo estes fabricados pelo próprio discurso capitalista (Quinet, 1999). Dessa forma, observa-se que esse processo se retroalimenta, já que o discurso desse novo mestre promove a promessa de um gozo que é tido como inalcançável.

Novas sintomas e a aposta do analista

Uma vez que o gozo já não é mais normatizado através do significante metafórico do pai, mas sim pelo discurso capitalista que opera sob a lógica do mais gozar, essas novas configurações inconscientes tendem a modificar as formas de mal-estar na atualidade. Sendo assim, o modo como se pensa os sintomas será alterado.

Besset (2014) comenta que diferente dos sintomas freudianos que apresentavam relação com a história de vida dos sujeitos, os novos sintomas já não se apresentam como um enigma passível de decifração, pois não tem um endereçamento ao Outro. Atualmente, eles exibem um viés autístico, manifestando-se como signos da não-relação sexual. Dessa forma, entende-se que ocorre uma espécie de fixação do gozo. Na contemporaneidade, esses sintomas passam a ser nomeados através de termos generalistas como bulimia, síndrome do pânico, anorexia e afins. Tendendo a apresentar-se como "sintomas silenciosos" (Besset, 2014), que se manifestam através do real do corpo.

Apesar dessa característica, os sintomas ainda podem ser alcançados através da fala. Para isso, é necessário promover a implicação do sujeito em sua queixa, dando origem a um sintoma com as mesmas características do sintoma presente na época freudiana. Concordamos com [Tarrab \(2005\)](#) ao afirmar que “para remover algo desta fixação, há que se reconstruir o Outro” (n.p.). Assim, a partir desse processo de reedificação do Outro, o analista possibilita que o sujeito atribua um sentido ao seu sintoma, enlaçando-se. É essa a aposta psicanalítica.

Considerações finais

A presente pesquisa se propôs a analisar os efeitos da nova lógica do consumo na relação do sujeito contemporâneo com o seu mal-estar, elucidando as regulações contemporâneas para dar tratamento ao gozo, mediadas pela crescente oferta de objetos de consumo. Elucidamos que a sociedade capitalista já não vende apenas produtos, mas promessas de felicidade pautadas na aquisição dos mais variados tipos de mercadorias. A intensificação dessa cultura do consumo faz com que os sujeitos mal tenham tempo de desejar antes que o objeto de seu interesse lhes seja oferecido, posto que a falta, a hiância fundamental é soterrada pelas ofertas de objetos de consumo, incitando a divisão do sujeito pelo seu excesso.

A satisfação promovida por essas mercadorias tende a tornar-se efêmera, promovendo um ciclo de repetições em que se consome ainda mais, numa tentativa desenfreada de recuperar a sensação de completude promovida por esses produtos. Em prol da manutenção dessa satisfação individual, absolutamente tudo tende a se converter em objetos a serem consumidos e descartados, inclusive a relação que os sujeitos estabelecem com o Outro.

Por fim, nota-se a substituição do mestre discursivo antigo pelo discurso capitalista, que ascende o objeto a ao zênite social, promovendo alterações nos modos de regulação pulsional dos sujeitos. Se antes a figura paterna operava como lei, realizando a interdição da satisfação, na atualidade passamos para a era dos impasses frente ao gozo excessivo, em que os sujeitos passam a ser pensados por meio do empuxo ao gozo. Essas circunstâncias promovem novas formas de mal-estar, dando origem a sintomas que não são

passíveis de deciframento, uma vez que não apresentam direcionamento a um Outro. A aposta analítica é justamente aí onde o sujeito está suturado, na abertura do encontro com a fala, que a falta possa advir. Junto com ela, um sujeito desejanste.

Contribuições dos autores

Amorim JO participou da concepção, delineamento, busca e análise dos dados da pesquisa e redação do artigo científico. Barros RA participou da concepção, delineamento, análise e aprovação final da versão do artigo para submissão.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

Referências

- Albuquerque, J. E. R. (2006). Declínio da autoridade: do nome-do-pai ao sintoma. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho 3ª Região*, 43(73), 61-68. https://sistemas.trt3.jus.br/bd-trt3/bitstream/handle/11103/27011/Judith_Albuquerque.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Alvarez, P. (2008). Antecedentes do discurso capitalista. *Agente*, 5, 10-14. http://www.institutopsicanalisebahia.com.br/agente/005/agente_digital_05.pdf
- Antelo, M. (2008). Os gadgets. *Revista Estudos Lacanianos*, 1(1), 1-16. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rel/v1n1/v1n1a14.pdf>
- Badin, R., & Martinho, M. H. (2018). O discurso capitalista e seus gadgets. *Trivium- Estudos Interdisciplinares*, 10(02), 140-154. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912018000200003
- Besset, V. L. (2014). Um sujeito no mercado das pílulas. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, 17(3), 616-625. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2014v17n3-Suppl.p616.4>
- Blanco, M. F. (23 de fevereiro, 2009). Conduzir o capitalismo. Escola de Psicanálise Lacaniana do Campo Freudiano. https://elp.org.es/el_capitalismo_pulsional_manuel_fernande/

- Briole, G. (18 de abril, 2014). Um real para o século XXI. *Associação Mundial de Psicanálise*. http://www.congresamp2014.com/pt/template.php?file=Textos/Un-reel-pour-le-XXIe-siecle_Guy-Briole.html
- Castro, M. V. (2002). A Depressão e Seus Tropeços Nos Arredores Do Gozo. In D. Rinaldi, & J. Coutinho. (Orgs.), *Saber, Verdade E Gozo*. Rios Ambiciosos.
- Campos, E. B. V., & Coelho Junior, N. E. (2010). Incidências da hermenêutica para a metodologia da pesquisa teórica em psicanálise. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(2), 247-257. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200012>
- Confederação Nacional de Dirigentes Logistas. (janeiro, 2016). Impacto das emoções nas compras por impulso. *Spc Brasil*. https://www.spcbrasil.org.br/uploads/st_imprensa/analise_compras_impulso_sentimentos_janeiro_20161.pdf
- Descartes, R. (2001). *Discurso do método* (2ª ed.). Martins Fontes. (Texto original publicado em 1637)
- Freud, S. (1996a). *A Interpretação dos sonhos*. Imago. (Texto original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996b). *Análise terminável e interminável*. Imago. (Texto original publicado em 1937)
- Freud, S. (2014). *Conferências introdutórias à psicanálise*. Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1916)
- Freud, S. (2014). *Inibição, sintoma e angústia*. Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1926)
- Freud, S. (2010a). *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos*. Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1914)
- Freud, S. (2006). *O inconsciente. Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Imago. (Texto original publicado em 1900)
- Freud, S. (2010b). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1930)
- Freud, S. (1996). *Projeto para uma psicologia científica*. Imago. (Texto original publicado em 1895)
- Freud, S. (2011). *Psicologia das Massas e análise do eu e outros textos*. Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1920)
- Freud, S. (2012). *Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos*. Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1912)
- Fink, B. (1998). *O sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Jorge Zahar.
- Garcia-Roza, L. A. (2009). *Freud e o inconsciente* (24ª ed.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 3: As Psicoses*. Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1955)
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1957)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11 – os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1969)
- Lacan, J. (12 de maio, 1974). *Do discurso psicanalítico: conferência de Lacan em Milão*. [Conferência]. <http://lacanempdf.blogspot.com/2017/07/do-discurso-psicanalitico-conferencia.html>
- Lacan, J. (1972-1973). *O seminário: Livro 20: Mais, ainda*. Jorge Zahar.
- Lima, J. C. (2016). O declínio do pai e o mais-de-gozar. *Revista Interação*, 1(2447-6382).
- Machado, O. M. R. (2005). A clínica do sinthoma e o sujeito contemporâneo. aSephallus, *Revista Eletrônica do Núcleo Séphora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo da UFRJ*, 1(8). http://www.isepol.com/asephallus/numero_01/artigo_08port_edicao01.htm
- Miller, J. A. (1998). *O sintoma-charlatão*. Jorge Zahar.
- Miller, J. A. (2005). *Seminário de Jacques-Alain Miller em colaboración com Éric Laurent*. Paidós.
- Miller, J. (2013). Jacques Lacan e a voz. *Opção Lacaniana*, 4(11), 1-13. <https://appoa.org.br/uploads/arquivos/1611.pdf>
- Miller, J. (11 de maio, 2011). O ser, é o desejo. *XII Congresso Associação Mundial de Psicanálise*. <https://congresoamp2020.com/pt/articulos.php?sec=el-tema&sub=textos-de-orientacion&file=el-tema%2Ftextos-de-orientacion%2Fel-ser-es-el-deseo>.
- Miller, J. A. (2005). Uma fantasia. *Opção Lacaniana*, 42, 7-18.
- Minayo, M. C. S. (1994). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Nogueira, L. C. (2004). A pesquisa em psicanálise. *Psicologia USP*, 15(1-2), 83-106. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642004000100013>

- Pereira, S. A., & Chaves, W. C. (2013). A função do pai: uma interlocução entre o direito e a psicanálise, *Revista aSEPHallus*, 8(16). <https://doi.org/10.17852/1809-709x.2019v8n16p37-50>
- Quinet, A. (2002). A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade. In N. Viana. (Org.). *Psicanálise, capitalismo e cotidiano*. Germinal.
- Rahme, M. M. F. (2010). *Laço social e educação: um estudo sobre os efeitos do encontro com o outro no contexto escolar* [dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Social da USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-17012011-143132/pt-br.php>
- Rodrigues, A. C., Costa, C. A. R., Silva, M. E. A., & Silva, E. P. (2005). Psicanálise, saber e conhecimento. *Revista do Departamento de Psicologia Universidade Federal Fluminense*, 17(2), 99-108. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232005000200009>
- Rosa, M. (2010). Jacques Lacan e a clínica do consumo. *Psicologia Clínica*, 22(1), 157-171. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652010000100010>
- Silva, M. M. (2012). Freud e a atualidade de O mal-estar na cultura. *Analytica Revista de Psicanálise*, 1(1). <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/analytica/article/view/233/370>
- Tarrab, M. (2005). Produzir novos sintomas. *Revista aSEPHallus*, 52. http://www.isepol.com/asephallus/numero_02/artigo_05port_edicao02.htm